

Segue o barco. Ou é a Nau dos Insensatos?

Paulo Timm . Especial A FOLHA, Torres RS OCT 2018

O avanço não foi só de Bolsonaro, foi de gente com seu perfil: pouca experiência política e/ou de execução, chegando de surpresa a posições importantes.

Renato Janine Ribeiro . FB

'**A nau dos insensatos**' (1494), de Sebastian Brant (1457-1521), foi um longo poema satírico, de caráter moralizante, no qual o autor descreve o mundo e seus habitantes como uma nau cujos passageiros perturbados nem sabem, nem se importam para onde estão indo. O leitmotiv cultural da nau dos insensatos era uma paródia da *arca de salvação*, tal como a Igreja era percebida. Este mesmo sentimento vamos encontrar, hoje em dia, em outro autor, Milan Kundera, sobretudo no romance "A Festa da Insignificância", como assinala Anna Maria Monteiro:

"Lançar luz sobre os problemas mais sérios e, ao mesmo tempo, não proferir uma única frase séria, estar fascinado pela realidade do mundo contemporâneo e, ao mesmo tempo, evitar qualquer realismo, eis A Festa da Insignificância, onde o riso, inspirado na nossa época, é cômico porque perdeu todo o seu sentido de humor."

O tema me lembra um depoimento, que recolhi de uma leitura sobre as Assembleias que deram origem à democracia, como forma de governo na Grécia Antiga. Um personagem, saindo de casa para uma daquelas reuniões políticas pergunta ao vizinho, ainda ocupado com seu trabalho, se não ele também não irá, ao que este responde: - "Àqueles encontros, em que os sábios dão conselhos e os tolos decidem como querem...?"

Pois assim é a democracia: Um enigma que se presta a várias interpretações e testes. Não obstante, com todos os seus percalços e defeitos, para os quais os gregos inventaram até a ditadura como salvaguarda temporária, sujeita a rígida regulamentação que evitasse sua perpetuação, vivemos e morremos sob ela e por ela.

No Brasil, vários derrotados, personalidades e Partidos, sobretudo PSDB e PMDB. O primeiro não só saiu-se mal com Alckmin candidato, como caiu na Câmara de 53 deputados para 30, enquanto o MDB caiu de 66 para 34, deixando para trás seu próprio Presidente e principal articulador, Romero Jucá. Vencedores, dois candidatos à Presidente no primeiro turno às - Jair Bolsonaro x F. Haddad - , sujeitos a um desfecho no próximo dia 28. Sem apelação. Ganha o que fizer 50% dos votos mais um. Bolsonaro saiu e está na frente, segundo Datafolha do dia 10 passado, com 58% das preferências. Vitória dos conservadores. Ambos, entretanto, são campeões de rejeição, sendo que, como eu até já falei há algumas colunas, o que for menos aceito cairá fora. Restará para suas hostes neste difícil pleito, o caminho da árdua oposição. Gostaríamos de votar pelo critério de preferência, numa figura que nos enchesse de esperança e orgulho. Não será assim. A maior parte dos brasileiros votará "contra" e, rigorosamente, ninguém sabe direito o que nos espera nos próximos 4 anos. Também no processo eleitoral estamos numa

espécie de perigoso desamparo, sem muita segurança, não na mecânica eleitoral, que alguns colocam sob suspeição, mas no futuro da escolha. As implicações não estão apenas na formação do Ministério. (Será mesmo verdade que Alexandre Frota, também eleito, vai ser o Ministro da Educação? Deus nos live!) .Projetam-se no Judiciário. Durante o próximo mandato presidencial, Celso de Mello e Marco Aurélio Mello serão compulsoriamente aposentados do Supremo. Imaginem indicações como Deltan Dallagnol , caso ganhe Bolsonaro, como a matemática parece indicar? E quem ocuparia o Banco Central e Ministério da Fazenda, caso Haddad ganhe e que seja capaz de aquietar o sacrossanto "Mercado". Chamar o Meirelles, de novo...? Um dos gurus do liberalismo, Gustavo Franco, diz que uma vitória de Bolsonaro trará muita confusão:

<https://www.infomoney.com.br/mercados/politica/noticia/7377944/bolsonaro-eleito-sera-pessimo-para-economia-diz-gustavo-franco> E o que vai acontecer no Congresso Nacional, que teve imensa renovação no Senado , o mesmo ocorrendo com a Câmara dos Deputados: Mais de 50% de "novos" parlamentares, mais conservadores que os anteriores, ainda que sob velhas siglas, o mesmo processo de captura paroquial de votos, a mesma e velha cultura política da cooptação.

Eis o relato de um especialista:

Alberto Carlos Almeida – **FB** 7 de outubro às 21:32 ·

O resultado para o Senado mandou um recado claro para os políticos. Houve uma ampla rejeição ampla àqueles com mandato. O Senado se tornou mais fragmentado, com dezenas de eleitos inexperientes. Será um grande teste para o Brasil.

Senadores que perderam o mandato:

- Jorge Viana (PT)
- Eunício Oliveira (MDB)
- Cristóvam Buarque
- Ricardo Ferraço (PSDB)
- Magno Malta
- Lúcia Vânia (PSB)
- Edison Lobão (MDB)
- Flexa Ribeiro (PSDB)
- Roberto Requião (MDB)
- Lindberg Farias (PT)
- Romero Jucá (MDB)
- Cássio Cunha Lima (PSDB)

Políticos importantes e muito conhecidos que disputaram para o Senado e não foram eleitos:

- Zeca do PT
- Sarney Filho
- Marconi Perillo
- Dilma Roussef
- César Maia
- Garibaldi Alves

- Eduardo Suplicy
- Beto Richa

- Senadores reeleitos:
- Renan Calheiros (MDB)
 - Randolfe
 - Ciro Nogueira (PP)
 - Paulo Paim (PT)
 - Humberto Costa (PT)

Desta vez, o espetáculo das celebridades nos brindou com uma estrela de mais de dois milhões de pontas: Janaína, a algoz de Dilma...Pudesse escolher, eu preferiria a Marta, ou a Leila do vôlei, aliás eleita senadora em Brasília... Verdade que há o sopro da sigla bolsonarista – PSL -, com alguns governadores, talvez Minas Gerais, e cerca de 50 deputados, equivalente à bancada petista. Mas o que quer dizer mesmo a sigla PSL? Qual a sua inspiração doutrinária? Qual o seu Projeto para o Brasil? Ninguém sabe. Espera-se (!) que não repita nem a República Velha, do Café com Leite, nem a Nova República, do Strogonof de asa de frango. Como? Um milhão para quem acertar. Acho que não teremos nem fascismo, caso Bolsonaro se confirme, nem Bolivarismo, se Haddad for eleito, duas das principais acusações em cena, entre uns e outros dos contendores. A propósito, sigo o pensamento de Angelina Peralva:

"Mas falar de fascismo não adianta muito. É preciso dar respostas, apontar caminhos. E se nos for dada a oportunidade de ganhar tempo, mais 4 anos, saber que a luta não terá terminado nesse momento. Ela estará apenas começando."

Bolsonaro segue os passos de Jânio Quadros, em 1960, e Collor de Mello, em 1989, embora menos preparado: Muita Onda e pouca profundidade. Penso, aliás, que o Brasil não aproveitou as eleições para discutir com frieza seus principais problemas econômicos, como a inserção num mercado mundial sob intensa guerra comercial, a questão da Reforma do Estado e da Política, inclusive o Pacto Federativo, a Questão Fiscal e Tributária e a Política Social, cada vez mais premida pelo envelhecimento de uma população muito pobre. Vá o feito! Não dá mais tempo. Parece, na verdade, que fomos atropelados pelas circunstâncias. Mas sobreviveremos. La nave va, como dizem os castelhanos...